

## As três ecologias

ANSELMO PERES ALÓS

Docente Permanente do Programa de Pós Graduação (UFSM)  
[anselmoperesalos@gmail.com](mailto:anselmoperesalos@gmail.com)

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 2. ed.  
Campinas: Papirus, 1990. 56p.

Félix Guattari, psicanalista, filósofo e pensador político francês, é reconhecido por sua abordagem interdisciplinar, especialmente na interface entre subjetividade, política e meio ambiente. Em *As três ecologias* (publicado originalmente em francês, em 1989), ele propõe uma visão radicalmente inovadora sobre as crises ambientais, sociais e subjetivas que afetam o mundo contemporâneo. O livro defende a necessidade de um pensamento ecológico expandido, que ultrapasse a questão meramente ambiental e englobe a subjetividade humana e as relações sociais:

[...] é a relação da subjetividade com a sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida em uma espécie de movimentação geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza. O turismo, por exemplo, resume-se quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamentos (Guattari, 1990, p. 7).

O que nos restaria, em termos de *maneiras de viver*, no nosso planeta e na nossa contemporaneidade? Guattari propõe uma *ecosofia*, a partir da articulação ético-política, que envolve as questões ambientais/ecológicas, as relações sociais (de exploração, produção e consumo) e a preocupação com as subjetividades humanas.

Publicado em um período de crescente preocupação com os impactos do capitalismo tardio sobre o planeta, *As três ecologias* é um manifesto que desafia as concepções tradicionais de ecologia, ao mesmo tempo em que propõe um novo paradigma. Guattari argumenta que a crise ambiental não pode ser resolvida apenas por mudanças tecnológicas ou políticas isoladas. É necessário repensar a própria subjetividade humana e as formas de organização social para enfrentar essa crise de maneira eficaz. Segundo o autor,

[...] as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior de tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? No Terceiro Mundo, como no

mundo desenvolvido, são blocos inteiros de subjetividade coletiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos, como é o caso, por exemplo, da assustadora exacerbação dos fenômenos de integrismo religioso (Guattari, 1990, p. 8).

O autor sustenta que vivemos em um mundo dominado pela lógica capitalista, que esgota não apenas os recursos naturais, mas também as possibilidades de desenvolvimento subjetivo e coletivo. Assim, ele introduz o conceito de *ecosofia*, espécie de filosofia (ou epistemologia) de índole ecológica, que busca integrar três dimensões da ecologia: ambiental, social e mental. De acordo com suas palavras, “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária” (Guattari, 1990, p. 8).

#### *Ecologia ambiental*

A ecologia ambiental trata das relações entre os seres humanos e o meio ambiente. Guattari critica a exploração irracional dos recursos naturais e a degradação do planeta impulsionada pelo capitalismo industrial. Ele argumenta que a solução não pode ser apenas técnica, como o desenvolvimento de energias renováveis, mas deve envolver uma mudança na relação dos seres humanos com a natureza. Essa mudança exige um novo **ethos**, no qual as pessoas reconheçam sua interdependência com o meio ambiente. É fundamental, para tanto, que sejamos capazes de “reconstruir o conjunto de modalidades do ser-em-grupo” (Guattari, 1990, p. 15).

#### *Ecologia social*

A ecologia social diz respeito às interações entre os indivíduos e suas estruturas sociais. Guattari critica as formas opressivas de organização social que reproduzem desigualdades e impedem a emancipação dos sujeitos. Ele argumenta que a fragmentação da vida social gera alienação e impede formas mais democráticas e solidárias de existência. Nesse sentido, ele defende a necessidade de novos modelos de interação baseados na *cooperação*, na *diversidade* e na *autonomia*. Isso envolve repensar instituições como a família, a escola e o trabalho, de modo a fomentar relações sociais mais saudáveis e sustentáveis. Urge que desenvolvamos estratégias que tornem possível “reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma, com o tempo que passa, com os ‘mistérios da vida e da morte’” (Guattari, 1990, p. 15).

#### *Ecologia mental*

A ecologia mental está relacionada à subjetividade e à forma como os indivíduos constroem seus mundos interiores. Guattari argumenta que vivemos sob um regime de produção de subjetividade dominado pelos meios de comunicação de massa e pelo consumo desenfreado, o que leva à padronização dos desejos e ao empobrecimento da criatividade. Para resistir a essa *homogeneização*, é necessário criar novas formas de subjetividade, baseadas na *singularidade* e na *experimentação*. Isso pode

ser alcançado por meio da arte, da psicanálise, da política e de outras práticas que promovam a autonomização dos sujeitos e a diversificação das experiências: “mais do que nunca, a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referência sociais e individuais” (Guattari, 1990, p. 24).

### *Contribuição teórica e impactos*

A ideia de Guattari de uma ecosofia integrada influenciou diversas áreas do pensamento contemporâneo, incluindo a filosofia política, os estudos culturais e a ecologia. Seu trabalho antecipa debates atuais sobre a interseccionalidade das crises globais e a necessidade de soluções holísticas. A abordagem transdisciplinar da obra *ressoa* outras teorias críticas, como as de Bruno Latour e Donna Haraway<sup>1</sup> (ainda que tais autores não sejam mencionados por Guattari), que também questionam a separação entre natureza e cultura. Além disso, suas ideias dialogam com movimentos ecológicos e sociais que buscam alternativas ao modelo capitalista hegemônico. Ele não cai na cilada de esquecer que, sem consciência da luta de classes, a ecologia não passa de jardinagem com verniz de comprometimento político, como podemos ver no seguinte trecho:

Do lado das elites, são colocadas suficientemente à disposição bens materiais, meios de cultura, uma prática mínima de leitura e de escrita e um sentimento de competência e de legitimidade decisoriais. Do lado das classes sujeitadas, encontramos, bastante frequentemente, um abandono à ordem das coisas, uma perda da esperança de dar um sentido à vida (Guattari, 1990, p. 45).

Apesar de sua relevância, *As três ecologias* também enfrenta críticas. Alguns leitores consideram que o livro apresenta um discurso excessivamente abstrato e de difícil aplicação prática, como é possível de se perceber na seguinte passagem:

Fazer emergir outros mundos diferentes daquele da pura informação abstrata; engendrar universos de referência e territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e pelo princípio de Eros de grupo da ecologia social e afrontar o face a face vertiginoso com o cosmos para submetê-lo a uma vida possível – tais são as vias embaralhadas da tripla visão ecológica (Guattari, 1990, p. 52-53).

Além disso, sua linguagem filosófica pode ser desafiadora para quem não está familiarizado com a obra de Félix Guattari e Gilles Deleuze, seu parceiro intelectual. Outra crítica frequente é a falta de um caminho mais concreto para a implementação de

---

<sup>1</sup> Cf. o artigo “Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective”, de Donna Haraway (*Feminist Studies*, Vol. 14, No. 3 (Autumn, 1988), p. 575-599). Ver também *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*, de Bruno Latour e Steve Woolgar (Los Angeles: Sage Publications, 1979).

sua ecosofia. Embora Guattari proponha a arte e a micropolítica como vias de transformação, ele não detalha como essas práticas poderiam ser amplamente adotadas na sociedade. Embora seja um texto denso e conceitualmente exigente, seu impacto intelectual é indiscutível. Suas reflexões continuam relevantes, especialmente diante dos desafios ambientais, políticos e psicológicos do mundo atual. A leitura de Guattari estimula a pensar de maneira mais abrangente e criativa sobre a relação entre humanos e seu entorno, abrindo caminho para novas formas de resistência e transformação.